

OS CAMPOS SANTOS DOS POSSEIROS

Os caboclos que aportaram pela nossa região dividiram-se em grupos e se assentaram como Deus quis. Sendo todos oriundos da pátria lusitana trouxeram idênticos costumes, as suas tradições, folclore e crendices, enfim se acertaram.

Esses "legítimos donos" rezavam pela mesma cartilha; traziam sempre o padre para autenticar os sacramentos, posseando-se das melhores terras e das melhores águas. "Brasil devoluto, se não fizeram foi por absoluta falta de interesse".

Fazer o pé de meia e dar no pé, eis a questão, eis uma filosofia incrustada irreversivelmente no sangue português. Fixar-se à Terra Nova, jamais. Os assentamentos desordenados aconteceram por obra e graça do Determinismo Geográfico.

Não é preciso ser um historiógrafo para sentir a sistematização criadora de nossos municípios.

Nos bons tempos de estudos etnográficos dediquei-me aos aspectos místicos das antigas gerações indígenas

sobretudo do comportamento do índio nas doenças e na morte.

Percebe-se que os sertanistas assimilaram, talvez por comodismo ou por imposição do habitat, os hábitos dos nossos índios. Exemplo, um cemitério para cada assentamento.

Italiápolis tem vários cemitérios, a maioria desativada. Desativar não significa extinguir, portanto, é possível que nesse momento você possa estar sentado em cima de uma ossada de uma 'bella femmina' ou 'bel maschio'. É um lance de sorte!

De todos os campos-santos italiapolitanos o mais curioso é o do nosso jardim, o canteiro central da Praça Pedro Alves de Oliveira. Não raras vezes casais enamorados trocaram inocentes juras sobre velhas covas rasas, sepulturas desfeitas por força de decreto municipal.

Da porta da Igreja Matriz, subindo a Av. Florêncio Terra até a porteira do dito cemitério, contava-se não mais de 200 palmos. Assim, "facilitou-se o sepultamento", um costume bem do nosso índio. Velório ao pé da cova.

Esse procedimento fazia sentido, pois aos moradores distantes tocavam carregar o defunto, envolto num lençol, por várias léguas, num esforço sobre-humano. Os choros e os lamentos pela perda ficavam pelos caminhos. Uma consolação dura pra burro!

Muitas e muitas criaturas simplesmente desapareceram da vida de Italiápolis e seus corpos foram sepultados pelos cantos de propriedades indermacáveis.

Lançar em livro ou oficializar óbitos e nascimentos era um luxo dado a poucos. Escravos e filhos de escravos, tanto do indígena como do africano, não eram registrados, porém constavam de inventários.

Os casamentos eram feitos, na sua maioria, aos pés das árvores frondosas. Casar na igreja? Só para as filhas de mandantes e legítimos posseiros.

As atuais jovens 'ficantes', as que 'ficam' com colegas de escola, amigos de confiança e até com namorados, imaginando-se modernistas muito mais que sensuais, simplesmente repetem costumes contrários à razão, herdados do antepassado não tão distante.

Ao senhor ou a senhora, preocupado com a cronologia, com os decantados fatos históricos e os feitos de grandes vultos, digo-lhes que na verdade muitos vultos foram vistos tanto nos cemitérios antigos como nos atuais.

A nossa Necrópole Municipal foi inaugurada em 1.905 e teria feito aniversário no dia Primeiro de Fevereiro deste ano de 2003, quando completou 108 anos de idade. As terras foram doadas por ferraristas e tarallistas, as duas facções italianas que tentaram impulsionar o Município.

Tanto no desativado cemitério como no ativo, vultos de casais foram vistos e românticos contos concretizados. Considero, esses 'corajosos' casais, vultos de nossa história.

O que faz a sexualidade! Ah! Se pudesse citar nomes! Você iria se divertir e admirar-se das figuras de vovôs e vovós, grandes "aprontadores" do Passado. "Ele

aprontou com muitas...”, ouvi por mais de uma vez da boca de velhas senhoras italiapolitanas.

Conto-lhe alguma como diversão ou para avivar a sua imaginação.

Uma jovem bonita noiva viu-se perdida com o falecimento de seu pretendente e a sua paixão, tão arrebatadora, a transformou numa assídua freqüentadora do Campo-Santo. Ao entardecer, a virgem era vista seguindo a sua via-crúcis. Esse doce vulto, quase sempre de branco, deitava-se ao lado de uma tumba fria.

Essa história de amor, meio shakespeariana, comoveu os moradores da Vila até que um dia, discretamente vigiada, descobriu-se que a noiva encantada se encontrava com um jovem bem dotado, filho mais velho do coveiro. Quanta crueldade!

Nos fins da década de 40, um médico italiapolitano, oriundo siriaco, charmoso com os seus traços mouros, cabelos fartos e ondulados, depois de inúmeras visitas noturnas ao Cemitério Municipal, acompanhado de ‘inocentes’ donzelas, foi vítima de seus próprios amigos de Boulevard.

O Dr. Walter, criatura popular como populares foram os médicos, depois das 22 horas, com uma jovem em seu carro, permaneceram, “com todo respeito, rezando” à porta do cemitério.

Cansado, ao sair com o seu veículo, um cupê importado, o carro prendeu-se numa valeta danificando o

Italiápolis Novela de Costumes

diferencial. O piso havia sido 'arrumado' pelos seus amigos com a conivência do Sr. Coveiro.

Naquela noite o famoso Boulevard fechou mais tarde e seus freqüentadores diziam ter visto dois vultos andando pela estrada do cemitério.

Eis os nossos "vultos históricos", vultos de uma juventude aquecida que escreveu mais um capítulo dessa novela chamada Italiápolis.